

A JANELA  
DO QUARTO AO LADO



MICHEL LEILA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

A dark, moody photograph of a bird perched on a wire against a cloudy sky. The bird is silhouetted against the lighter, overcast sky. The wires are diagonal, creating a sense of depth and perspective. The overall tone is somber and contemplative.

A JANELA  
DO QUARTO AO LADO

MICHEL LEILA



A Janela do Quarto ao Lado.

Por Michel Leila



" Mesmo assim, não posso contar tudo,

Por que as coisas são muito diferentes,

Comparadas a tempos comuns e pessoas comuns."

(O diário de Anne Frank, por Otto H. Frank e Mirjam Pressler.)



No começo, havia a Videira, de folhas escuras e brilhantes, cobrindo uma das 4

paredes que compunham o novo quarto de Quiri-Quiri.

Condor, a grande ave, responsável pelo salvamento da pequena, gentilmente colocara o ninho de Quiri-Quiri próximo daquela parede, para que a avezinha pudesse admirar a Videira durante o tempo que quisesse. Prometera a sua hóspede que, no mais tardar da primavera, nasceriam ali uvas.

Condor abria as asas, negras como o fundo de um lago, descrevendo o brilho esférico das uvas e seu sabor inigualável. Gordas e suculentas e abundantes seriam as uvas, assim Quiri-Quiri as imaginava, com água na boca, muito embora a sua condição de rapineira a impedisse de comer vegetais.

Foi em um dia de tempestade que um raio azul e tortuoso, vindo dos céus e do mundo lá fora, atravessou o pouco que ali havia de parede e atingiu os caules da Videira.

Quiri-Quiri acordou com o clarão cegando-lhe os olhos, e contemplou, assustada, a Videira que, aos poucos, começava a inflamar-se, em total destruição de si mesma.

Enquanto sentia o calor em seu rosto, sem poder afastar-se dali, devido suas condições, viu, com lágrimas nos olhinhos e medo no coração, aquela beleza transformar-se em brasa, então em pó e finalmente desaparecer por completo.

Como se já não fosse tristeza o suficiente, grossas e frias barras de ferro, que até então escondiam-se atrás daquela vegetação, fizeram-se ver.

Havia ali, durante todo aquele tempo, uma janela imensa e gradeada, que não dava para outro lugar senão um beco sem saída, de tijolos cinza e frios. O Sol punha seus olhos ali, iluminando aquele canto, mas parecia fazê-lo de muita má vontade.

Teriam aquelas belas videiras sequer existido? - Perguntava-se a avezinha.- Como era possível, se pareciam tão reais antes do incêndio? Como era possível simplesmente não estarem mais ali, por causa de um clarão tão comum e desorientado? Como era possível, ter aquele raio caído justo na coisa mais bonita de seu pequeno mundo? Como era possível, se até as uvas que estavam por nascer eram de verdade, tão de verdade quanto o ar que a rapineira necessitava respirar todos os dias?

Quiri-Quiri não entendia e recusava-se a entender tão rasa explicação. Por isso, optou por esquecer. A nova verdade era que seu quarto nem sequer possuía janela.

Mas havia uma janela no quarto ao lado.



A Janela do quarto ao lado tinha muitas promessas de vista agradável. A mesma vivia coberta por duas portinholas de madeira, sempre unidas, exceto nos rápidos momentos em que Condor separava a dupla, na intenção de deixar a casa. Mal as asas gigantescas do pássaro atravessavam a Janela e as portinholas voltavam a se unir, como gemias siamesas, inseparáveis, tampando qualquer visão que ligasse o mundo de Quiri-Quiri ao mundo proibido para aqueles que já não sabiam voar.

Se a Janela do quarto ao lado estivesse aberta, a avezinha não precisaria de muito para assistir as pinturas vivas que se escondiam atrás das portinholas. Não havia necessidade de abandonar o ninho. Se aquela janela estivesse aberta, bastaria esticar a cabeça um pouco para a esquerda e então, através do corredor sem portas que ligava ambos os quartos, a rapineira conseguiria ver o que havia lá fora.

A avezinha estava certa, muito embora não tivesse certeza, de que a Janela do quarto ao lado dava acesso ao jardim. Um jardim deveria ser mais interessante que a parede de seu quarto, Quiri-Quiri imaginava.

O único defeito que a avezinha conseguia listar naquela janela, fora as portinholas e seus hábitos de união, era uma irregularidade no parapeito.

A base da janela encontrava-se visivelmente torta, inclinada para a direita. Qualquer um que tentasse pousar ali acabaria escorregando e caindo.

Cair era terrível, Quiri-Quiri sabia.

Condor tinha um certo costume de se gabar sobre a casa, acerca de como ela fora projetada por um João-de-Barro de grande respeito, pelo menos até aquela época.

Quiri-Quiri presumiu que um João-de-Barro de boa qualificação jamais deixaria que um parapeito ficasse tão perigosamente torto quanto aquele. Por isso, em dada manhã, perguntou a Condor como a falha podia existir.

"O João-de-Barro tentou concertar a janela, Quiri-Quiri. Vi com meus próprios olhos. O

sujeito insistiu naquilo de verdade. Uma, duas, trinta e duas vezes. Mas não conseguia descobrir qual era o problema ou por que o parapeito insistia em ficar torto. Passou horas a se perguntar o que era necessário para que aquele erro gritante fosse eliminado. Era uma questão difícil, afinal. " - A grande ave lhe contava, empoleirada em seu ninho, em um dos cantos mais alto do quarto. - "*O João-de-Barro já não pensava em outra coisa. Esquecera-se de comer e de dormir, questionando-se. Seria ele, e somente ele quem estava destruindo o parapeito? Ou seria a culpa da terra, dos gravetos, da chuva que se aproximava?*" Quando o tempo passou e o parapeito não foi concertado, as outras aves começaram a falar, como só elas sabem fazer:

*" Oh, veja só que absurdo"- Elas diziam - ' Um João de barro permitindo tantos centímetros defeituosos em uma janela! Que vergonhoso! Este aí não deve passar de grande conversa. Não é um construtor, não de verdade. Estamos tão decepcionados com ele..."*

*Triste com as palavras de seus colegas, o João-de-Barro partiu sozinho, para longe da cidade, deixando os amaldiçoados centímetros defeituosos para trás.*

*Anos correram como areia ao vento, e neste passar de datas, ninguém voltou a encontrar o pobre construtor. Até hoje, em forma de castigo, os pássaros se referem a ele como 'O Barro Torto', para que a lembrança de seu erro ultrapasse a lembrança de quem ele foi.'*

Naquele dia, quando Condor saiu para caçar, deixou a Janela do quarto ao lado aberta. Talvez por distração, talvez por cortesia. Quiri-

Quiri não soube dizer.



Os Banquetes de Primavera que Condor realizava eram memoráveis. 'O jardim mais farto da cidade', os pássaros diziam.

O local se enchia de convidados. As aves comiam das frutas que nasciam ali e dos insetos mais distraídos que se deixavam apanhar, aproveitavam as flores e rolavam na grama verde e macia. Ao meio dia, os convidados corriam para a sombra da amoreira ou mergulhavam na fonte, cuja água descomedia-se fresca e translúcida. Ao cair da noite, as aves voavam para suas casas, na intenção de repousar e digerir toda aquela farra e comilança, só para que no dia seguinte, tivessem o estomago de prontidão mais uma vez.

Quiri-Quiri assistia as festividades com o máximo de simpatia possível, lutando a todo momento contra a inveja em sua garganta.

Eram tantas risadas e cumprimentos, tantas cores atravessando o espaço entre o céu e a terra, tantas histórias sendo contadas ao mesmo tempo, que a rapineira sentia-se tonta.

Os pássaros falavam a respeito da Coruja e do acordo fantástico entre os morcegos que a mesma conseguira. Contavam histórias sobre o primo de alguém que havia sido devorado por uma aranha de meio metro e sobre uma matilha de cães que supostamente vinha destruindo flores de jardins desprotegidos. Contavam acerca das perturbações que os sapos estavam causando no Pequeno Lago da Cidade e dos planos para o inverno que os cisnes haviam arquitetado. Ao mesmo tempo, outras aves sussurravam um rumor envolvendo a 'Doença da Salamandra', responsável por fazer as penas de uma águia caírem, todinhas, em pleno voo e falavam de uma fruta rara que podia fazer qualquer galinha que a comesse bater as asas e voar. O Marreco fofocava a respeito de um triângulo amoroso entre canários, enquanto o Corvo partilhava em uma roda de ouvidos atentos seus causos mórbidos.

Na altura do terceiro ou quarto dia de festa, quando os convidados já passavam do número de abóboras no chão, Condor decidiu que o jardim por si mesmo não fornecia comida o bastante. A grande ave começou a pendurar outras frutas e legumes nos galhos das árvores, além de espalhar aquilo que não cabia nos troncos pela terra. Mamões, bananas, laranjas, maçãs, pêssegos, ameixas, feijões, grãos de trigo, milho, cevada, jilós, abacates...todo o tipo comestível que se pudesse imaginar.

Depois daquela decisão, o Banquete de Condor não era apenas memorável. Tornara-se lendário, até para os "De Fora da Cidade". A notícia da fartura e variedade incontestáveis percorreu distâncias as quais nem o próprio Condor percorrera. Logo o jardim estava tão cheio de pássaros que já não era possível enxergar o chão. Quiri-Quiri tentou contá-los várias e várias vezes, mas perdia-se na altura da quarta centena, o que não parecia ser mais que um décimo do total.

Haviam sido tantos banquetes até ali, que as histórias dos pássaros já estavam se repetindo. Os convidados ainda riam e se empanturravam com a mesma empolgação de sempre, mas Quiri-Quiri entediara-se com a falta de novidades.

Estava prestes a abandonar a vista da Janela, quando um Sabiá lhe chamou a atenção.

Na ponta de um vaso, onde nada crescia há muito tempo, empoleirava-se a estranha criatura, observando a festa e participando da mesma tanto quanto a rapineira aleijada. Quiri-Quiri achou aquilo muito estranho. Pousar onde já não havia vida era típico de carniceiros como o Corvo, não de seres alegres e coloridos como o Sabiá. Ainda sim, a criatura de peito laranja parecia desinteressada em ciscar a terra ou provar das frutas. Também não caçava os insetos ou se aproximava das flores. Mal tocava na fonte. O Sabiá apenas ficava ali, empoleirado no vaso de terra seca, enquanto os outros pássaros banquetevavam.

Era um sabiá gigantesco, de asas fortes e pelagem brilhante. Quiri-Quiri teve uma repentina vontade de conversar com aquela ave, de lhe encher os ouvidos de perguntas.

Como um pássaro que não come ou bebe poderia ter as asas tão fortes e penas tão brilhantes?

Mas de que adiantaria? Quem gostaria de conversar com uma ave de rapina, nascida para caçar, que mal conseguia sair do ninho?

Foi mais ou menos nos dias em que a primavera chegava ao fim, após meses de festa, quando Condor notou a presença daquele sabiá de pouco apetite.

"Vem ao meu banquete, mas não come ou bebe. O que há de errado com minhas árvores, com os alimentos que trago, com os insetos, com minha água! Para que o senhor prefira um vaso sem vida, ao invés de todas as coisas maravilhosas que ofereço?"- Condor indagou, sentindo-se ofendido pelo comportamento do pássaro.

" Nada há de errado com as árvores, nem com os vegetais, ou com os insetos, muito menos com a água. Entretanto, há muito erro em seus banquetes. Venho a festa pois gosto da companhia de meus colegas.... Mas sei que tanto conforto pode ser uma coisa perigosa.

Quando se passa muito tempo vivendo em tamanhas mordomias, esquece-se de como viver sem elas. E quando as mesmas desaparecem..."- O Sabiá respondeu, muito calmamente" Já não se sabe mais como viver"

" Pois para mim, o senhor é muito pessimista.... Não está deixando que meus convidados se divirtam em paz, com este seu comportamento anormal...Fora daqui! Não quero pássaros estranhos como você no meu jardim!"- Condor esbravejou, batendo suas grandes asas.

O Sabiá estufou seu peito alaranjado e voou para longe do jardim, sem mais dizeres.

Assistindo a cena através da Janela, Quiri-Quiri deparou-se com uma assustadora verdade:

Da mesma forma que o número de visitas aumentava a cada dia de festa, aumentavam as barrigas.

Gordos como os pássaros estavam, logo seriam tão capazes de partir pelos céus quanto uma lagarta.

E se Condor decidisse parar com os banquetes, o que seria feito daqueles pobres?

Depender de Condor era amá-lo e temê-lo todos os dias, Quiri-Quiri sabia. Um pássaro que não sabia voar estava fadado a ter medo ou não ter coisa alguma.

A rapineira não podia deixar que tantas aves tivessem aquele fim. Mas o que fazer?

Quando Condor veio a seu ninho, lhe trazendo o jantar, Quiri-Quiri pediu, da forma mais educada possível, para que a grande ave não desse tanta comida aos convidados:

" Sei que tem a melhor das intenções. Mas veja como estão gordos! Logo não poderão mais voar. Não pode deixar que isso aconteça com eles."

Mas em resposta, para a surpresa de Quiri-Quiri, Condor abriu suas asas negras e riu-se:

"Rezo para que tenha razão, Quiri-Quiri. Que eles fiquem grandes, gordos e bem alimentados. Que nunca mais possam voar para longe de mim. Que fiquem aqui, comigo, para todo o sempre, enfeitando meu jardim."

Depois daquilo, a rapineira começou a cantar para os pássaros do banquete, na esperança de fazê-los perceber o que estavam fazendo a seus corpos, antes que fosse tarde.

Cantou todos os dias, com todas as forças, mas ninguém lhe deu ouvidos.

Eles continuaram comendo das frutas e dos insetos, das flores. Engordando, esquecendo-se de tudo que era importante, por dias e dias seguidos.

Quiri-Quiri deprimiu-se, perdeu as esperanças, parou de cantar.

Em uma das primeiras tardes de verão, os temores da avezinha e os avisos do Sabiá se confirmaram.

O mais rechonchudo dos papafigo investiu em uma manobra simples: voar da amoreira até o pé de framboesa.

Por consequência do peso extra, o pequeno se atrapalhou, iniciando uma queda, para sua infelicidade, em direção a Janela. Como se o infortúnio de perder o controle não fosse problema o bastante, o pássaro tentou aterrissar no parapeito, justo naquele parapeito, torto e nocivo.

Quando seus pés tocaram o local, a dupla de patinhas escorregou, fazendo com que o corpo do Papafigo atingisse o chão do quarto, tal qual uma fruta madura que acabara de se soltar da mãe árvore.

Condor, ao ouvir as exclamações das outras aves, partiu em direção ao quarto, voando pelos ares, arrastando consigo uma sombra gigantesca, que roubava a luz e as cores do jardim.

"Mas o que aconteceu?!"- O carnicheiro chegou ao local do acidente, tentando prestar socorro ao Papafigo- ' Ei, acorde" - Ele dizia ao pássaro inconsciente -"Vamos lá. Acorde, acorde."

Enquanto Condor tentava reviver a pobre criatura, Quiri-Quiri ouvia os sussurros das outras aves, ainda no banquete:

"Veja só o que aconteceu. Estava gordo demais para voar' - O Faisão comentou, pomposo.

"Oh, estamos todos ficando gordos demais para voar com essa história de festa"-

Disse o Abibe, esticando suas pernas.

"Somos uns descontrolados, isso sim"- O Canário concluiu, saltitando.

"Será que Condor está fazendo isso de propósito?" - Indagou o Papagaio, coçando as penas.

"Não vejo Condor se acabar de comer... " - Jaçanã ergueu-se da fonte.

"Pensei que ele gostasse de nós"- A Andorinha lamentou, arregalando os olhinhos.

" Ele é uma ave de rapina, Céus! É claro que não gosta de nós!"- Beija-Flor bateu suas asas, irritado.-"Nos engorda agora, nos come depois!"

"Se gostasse de nós, não nos deixaria chegar a um estado infeliz como este."- O Pica-pau anunciou, apontando o papafigo caído.

"Condor está nos transformando em galinhas"- A Narceja disse, horrorizada.

"Pior, está a nos transformar em pinguins!"- Vira-Pedra abriu suas asas.

"Eu vou embora daqui, antes que seja tarde!' - Cuco saiu voando.

E assim, Quiri-Quiri viu todos os pássaros que restavam no banquete fugirem para longe, para muito além do retorno.

Ao perceber que todos haviam ido embora, Condor deixou que lágrimas escapassem de seus olhos:

"Voltem, por favor!"- A grande ave tentou- "Estávamos nos divertindo tanto. Foi só um acidente bobo, já passou.... Oh, por favor. Não me deixem"

Mas nem uma pena restava no céu, disposta a escutar...



Com alguns dias sem banquetes, acompanhados de bons tratos, o Papafigo já voltara a esticar as asas.

Quiri-Quiri atravessou aqueles dias fazendo companhia ao o pássaro, fosse para deixá-lo mais confortável, ou fosse por que simplesmente não tinha coisa melhor para fazer.

O Papafigo possuía muitas histórias, o que o ajudava no correr das datas. Contara a Quiri-Quiri sobre as brigas de galho que ocorriam no Campo de Cevada, a respeito dos vaga-lumes que sobrevoavam o Grande Lago nas noites de verão. Contou-lhe sobre gigantescos pássaros rosados que viviam fora da Cidade e narrou boatos maldosos que envolviam a Coruja.

A avezinha preparava seu coração para a despedida. Por mais que apreciase a estadia de Papafigo, Quiri-Quiri tinha consciência de que o pássaro iria embora quando o tempo chegasse. Ainda que já amigos, seus destinos eram diferentes demais. O Papafigo estava destinado a voar pelos céus e a viver suas grandes aventuras, enquanto Quiri-Quiri fora sentenciada ao chão daquela casa e a um céu de cimento, sem estrelas. Não seria correto pedir que alguém livre como ele se mantivesse ao lado de alguém como ela.

As areias de uma ampulheta escorrem muito mais rápido, quando o que se espera é o dia do adeus. Chegado o momento de Papafigo voar para longe, o pássaro se ajeitou no ninho onde repousara durante todas aquelas semanas e preparou-se para voar. Mandou suas despedidas, promessas de visitação e orações de boa sorte para a rapineira, pedindo-a que transmitisse os agradecimentos a Condor, quando o mesmo voltasse da caçada matinal.

Bastou que o pássaro atravessasse a Janela.

Condor surgiu de lugar nenhum e de todo o lugar. Desceu dos céus em um mergulho e, em um piscar de olhos, aprisionou o pássaro em suas garras, interrompendo o tão ansiado voo do pequeno animal.

"Onde pensa que vai?"- O carnicheiro esbravejou.-"Voc e não está curado. Não deve partir" - Disse, enquanto segurava o Papafigo em uma pata e buscava a gaiola entre as bagunças da casa com a outra.

"Estou bem para voar. Voc e mesmo viu. Agora me deixe ir."-O Papafigo debateu-se, tentando se libertar das garras de Condor, muito embora a revolta fosse inútil.- "Está me machucando! Que gaiola   esta? Me deixe em paz!"

Quiri-Quiri acompanhou a trama, tentando argumentar com a grande ave sobre o estado de saúde de Papafigo. Mas Condor ignorara todos os apelos, simplesmente lançando o pássaro prisão adentro. O par de asas sombrias então abandonou os inconformados e saiu pela Janela outra vez.

"Me tire daqui!"- O Papafigo clamou, entre as grades. -" Tenho tantos lugares por onde voar...Oh, por favor, tenha piedade."- Mas Condor já estava longe, e não iria escutá-lo - " Oh, Quiri-Quiri, por favor, me ajude!"

A gaiola estava pendurada no teto, e Quiri-Quiri não sabia voar.

Além do mais, se soltasse Papafigo, Condor ficaria muito irritado. Poderia deixá-la sem comida...poderia machucá-la, ou pior...devorá-la.

"Eu não sei voar. Não consigo alcançá-lo "-Deixar o infeliz sem resposta pareceu a Quiri-Quiri uma escolha cruel.-" Tente separar as grades...Tente... Quebrar a tranca"

Entretanto, nos olhos do Papafigo, a avezinha logo compreendeu que tudo soaria cruel através daquelas grades.

O Papafigo continuou a implorar por sua soltura dias e dias a fio, sem descanso, uma vez que a piedade da grande ave era sua única esperança. Porém Condor não o soltou e jurava a cada nascer de Sol não soltar:

" Lhe falta sabedoria e força. Precisa de mim. Depois de tudo o que fiz .... Salvei-lhe a vida! Onde está sua gratidão? ' - Era o que sempre dizia ao pássaro- " Você me decepciona."

Naquele ciclo de vozeria, infelicidade e cárcere, o verão foi passando, sem sorrisos, sem histórias, sem banquetes.

O Papafigo saltava de poleiro em poleiro, batia as asas dentro da gaiola e cantava sempre que o Sol nascia. Um canto que apertava o coração de Quiri-Quiri e a irritava.

Com o tempo, o pássaro já não se dava ao trabalho de implorar por liberdade. Logo deixara de comer e dormir.

Cantava cada dia mais, ainda que sem os raios de Sol, mesmo de estômago vazio, não importava que fosse de noite, nem se Condor estiva lá ou não.

Cantou, cantou e cantou, muito mais do que Quiri-Quiri julgara um só pássaro ser capaz.

Pouco antes do fim do verão, a casa mergulhou em um silêncio estranho.

Assim, sem mais nem menos, o Papafigo se aconchegou em uma ponta da gaiola e adormeceu.

Algo perturbador se escondia ali. Quando a calma veio, Quiri-Quiri sentiu falta dos clamores, dos barulhos, da cantoria, das histórias que aquele tinha para contar.

Uma pedra surgira em sua garganta e, naquela noite, a avezinha não conseguiu dormir.



A Amoreira crescia rápido, se comparada ao pessegueiro, muito mais para os lados que para cima. Seus galhos e folhas compunham uma espécie de tenda sobre o jardim, cobrindo a área com sua sombra e pintando o chão de púrpura, nas épocas em que as frutas estavam maduras.

" Ela é um problema" - Foi assim que Condor declarou a árvore.

A grande ave explicara a rapineira sobre as leis da Cidade. Nenhuma planta tinha o direito de desrespeitar os limites dos muros e invadir as casas vizinhas. Aparentemente, a Amoreira nunca compreendera o significado da palavra "limites". E como se já não bastassem as raízes e os galhos da árvore, sempre ameaçando violar leis, quanto mais a amoreira crescia, mais lagartas venenosas invadiam o jardim. E quanto mais lagartas houvesse no jardim, mais delas fugiriam de lá para as casas próximas.

A vizinhança já se sentia amuada com Condor, devido ao Banquete de primavera. A grande ave não desejava causar mais desgosto aos pássaros da Cidade.

Assim que a Amoreira atingiu um tamanho além do aceitável, Condor decidiu arrancar todas as folhas e pontas de galho, para ter certeza de que a mesma não iria prejudicar a estabilidade dos muros ou atrair mais lagartas.

Quiri-Quiri entendeu o que precisava ser feito, mas quando viu propriamente o que aquela medida significava, a pequena rapineira se desesperou.

"Já está bom, Condor ^-Quiri-Quiri dizia, enquanto as garras e o bico pontiagudo do carniceiro despedaçavam os belos e sadios tons da Amoreira- "Já cortou o bastante. Por favor, não corte mais. Se cortar mais, a Amoreira vai morrer!"

Mesmo com todos os apelos da avezinha, Condor tirara da árvore até a última folha, até a última ponta de galho, deixando-a sem pulmões e sem braços.

Quiri-Quiri, vendo a árvore naquele estado tão apático, se encolheu no ninho, e tentou não derramar lágrimas, jurando que, se suas asas estivessem boas, nunca deixaria Condor ser tão cruel com a Amoreira.

"Oh, Quiri-Quiri. Não chore. Ela não vai morrer."- Condor tentou explicar a avezinha, mas a mesma não lhe deu atenção.

Foi apenas uma ou duas semanas passadas dos cortes, quando Quiri-Quiri entendeu o que Condor dissera.

A Amoreira logo apresentou novas folhas e galhos, crescendo em todo seu corpo. Sua pequena e nova copa parecia mais verdes e mais fortes a cada dia. Em pouco tempo a árvore já preenchia o jardim como antes.

" As amoreiras são assim, Quiri-Quiri : Egoístas, teimosas, de gênio muito difícil. "-

Explicara Condor- " Caso não tenha frieza o bastante para queimá-las ou lhes arrancar as raízes do chão, quanto mais você corta os caules, mais resistentes são os novos galhos, quanto mais folhas se arranca, mais e mais folhas surgem, quanto mais você se nega a lhe dar adubo, mais seus ramos se esticam, encontrando mais, muito mais que o necessário. A Amoreira cresce como uma praga, sem pedir licença. Rouba o Sol, a água e a liberdade das outras plantas, enche o jardim com o veneno de suas lagartas, sempre querendo, incontrolável, tudo para si."



O primeiro vento de outono trouxe ao quarto de Quiri-Quiri uma folha seca e quebradiça.

Condor, percebendo a chegada da estação, decidiu fazer uma viagem em busca de mantimentos invernais. Voaria para as terras onde as plantas ainda respiravam e o Sol ainda tocava os vivos. Iria para as Savanas, para o Deserto, talvez chegasse as Praias. Seria uma longa viagem.

" Parecerá que fui embora"- Condor deixou a rapineira avisada-"Que fui embora para sempre. Mas não se preocupe, eu voltarei."

Ao nascer de uma manhã fria e branca, a grande ave partiu.

As semanas se agarraram no silêncio e no frio, recusando-se a deixar que o tempo voasse junto com as folhas da Amoreira. Porém, ainda que lentamente, os dias foram se acumulando.

O que a rapineira tinha de fome não era a metade do que possuía em frio, e nem um terço do que havia de medo em seu coração.

Não era apenas uma longa viagem. Haviam perigos incontáveis lá fora. Quiri-Quiri sabia.

E se Condor não retornasse a casa?

Quando a aflição e a incerteza se tornaram incomodas demais para Quiri-Quiri , ela decidiu hibernar, assim como os esquilos faziam ao cair da neve. Que levassem dias, meses.

Não faria diferença para a avezinha, desde que, em seu despertar, visse as grandes asas negras de Condor atravessando a Janela.

Ela então adormeceu. Por dias ou meses. Quiri-Quiri poderia dizer que dormira por anos. Sonhava com céus de primavera e com suas penas atingindo as alturas. Com as histórias que ouvira dos pássaros e com uma amoreira falante, que desenhava seus causos em nuvens coloridas. Com insetos gigantes que perseguiam leões minúsculos e com lagartixas voadoras. Com neve azul e folhas de outono cor-de-rosa. Com montanhas feitas de Sol e beija-flores aquáticos.

Finalmente, certa noite, a rapineira despertou com o farfalhar alegre de folhas, vindo do jardim. Seria Condor? Esfregou seus olhinhos entre suas penas e os abriu, buscando a resposta na Janela do quarto ao lado.

"Meou" - A criatura peluda exclamou, colocando sua cabeça para fora do monte de folhas-" Você. Você mesmo, passarinho. Viu um rato correr por aqui? "

Quiri-Quiri sentiu o sangue congelar dentro de suas veias. Um arrepio correu até a ponta de cada uma de suas penas, e seus ossinhos começaram a doer de medo. A rapineira se jogou para o fundo do ninho, arregalando os olhos.

Céus, era um gato!

Condor lhe contara sobre os gatos. Criaturas sombrias e malucas. Comiam um pássaro com uma dentada só e depois cuspiam as penas fora!

" Ei! Passarinho! Estou falando com você!" - O gato exclamou, saltando para a Janela.

Diferente das aves, o gato não teve problemas com o parapeito. Usara suas 4 patas para se equilibrar com perfeição e pular para dentro do quarto. Não tinha asas, mas aterrissara no chão como se as possuísse.

" Não vi, Senhor Gato. Não vi, não vi mesmo. Eu juro que não vi."- Quiri-Quiri anunciou, em pânico.

Ratos, pelo menos os espertos, não se aproximavam daquela casa. Condor gostava de comer todo o tipo de coisa que se mexia. Ele mesmo dizia comer gatos de vez em quando.

Quando a avezinha se deu conta, o felino já estava diante de seu ninho.

"Você é um falcãozinho bem bonito. Aposto que gosta de ratos. Se me disser onde ele está, deixo um pedacinho para você."

Quiri-Quiri olhou para as paredes, depois para suas asas inúteis, e então para o gato, e para suas asas outra vez, e para os dentes do gato, e para as garras do gato e....

"Oh, por favor, não me devore. Estou magricela, não como a dias. O senhor não vai gostar, tenho certeza...Veja só quantas penas...engasgará com todas elas e...." - A avezinha implorou, rastejando para a ponta mais distante de seu ninho.

"Oh! Sim, penas! É por isso que não gosto de comer passarinhos. Não quero devorá-

la, criança. Quero devorar o rato."- O gato interrompeu Quiri-Quiri, aos risos. -" Por que não me ajuda a procurá-lo?"

" Não posso voar, Senhor Gato." - A avezinha confessou, ainda suspeitando do felino.-

" Sinto muito".

O animal olhou-a por alguns tempos, em silêncio. Quiri-Quiri não fazia qualquer ideia do que aquela bola de pelos estaria pensando. Ele muito provavelmente pensava em devorá-

la, a rapineira cogitou. Uma presa tão fácil.... Porém, alguns segundos depois, o animal balançou seu focinho rosa e saiu correndo, através dos corredores e escadas, em busca do rato, isento de novas declarações.

Outra manhã pálida estava nascendo quando Senhor Gato voltou às proximidades de Quiri-Quiri, sem sinal de ter encontrado o roedor.

" Ele não está aqui..."- O felino se deitou ao lado do ninho, entristecido.- " Acho que vou ter que comer insetos desta vez...Estou tão cansado de perseguir aquele rato...e está tão quentinho aqui...Se importa se eu dormir em sua casa, passarinho? "

O que Quiri-Quiri poderia dizer, sem que aquilo lhe custasse a vida? Gatos eram criaturas sombrias e malucas, lembrou-se.

"Claro, fique à vontade..."- A rapineira decidiu que era o melhor caminho.

E assim Senhor Gato adormeceu, ronronando como se houvesse um terremoto preso em seu coração, enquanto Quiri-Quiri atravessava as seguintes horas com as pupilas fixas na Janela, os músculos paralisados, e as esperanças no retorno de Condor. Não se atreveria a dormir. Não conseguiria fazê-lo, de qualquer maneira.

O bichano só voltou a abrir os olhos durante a tarde do dia seguinte, enquanto uma fraca garoa cobria a Cidade. Deixou a casa logo em seguida, sem se importar com as gotas de água que caíam do céu.

A avezinha se preparou para retornar ao plano inicial. Iria dormir, dormir e dormir.

Sonharia com coelhos feitos de âmbar e com uma corrida apostada entre flores. Sonharia com um Papafigo gigante, ou talvez com uma coruja que soubesse nadar. Com urubus verde-limão e peixes que soltam fogo pelas barbatanas. Sonharia com lagostas cantoras e vacas que gostam de sapatear.

Mas antes que conseguisse pregar os olhos, o felino saltou outra vez para dentro da casa.

"Passarinho, passarinho!"- O gato saltitou caminho a dentro.- "Veja só o que eu achei!"- E abriu a boca, soltando diante de Quiri-Quiri, um besouro gigantesco.

"É para mim?"- A avezinha perguntou, incrédula.

"Você me deu abrigo em uma noite muito fria, passarinho. Além do mais, disse que estava sem comer a dias. Então eu trouxe esse presente, como agradecimento"- O Gato sorriu, com seus longos bigodes, a calda se movendo como uma criatura a parte Quiri-Quiri abriu um sorriso e sem mas enrolação comeu o besouro que o Senhor Gato havia trazido, com uma bicada só. Estava tão faminta. Não tinha forças para manter seus modos a mesa.

Assim que a rapineira terminou sua refeição, o felino anunciou sua proposta:

" Se me deixar ficar aqui, em sua casa, pelo menos só até o fim do inverno, eu lhe trarei comida todos os dias...E te defenderei de invasores."- Gato sorriu, mostrando seus dentes afiados-"O que acha?"

"Acho que, quando o inverno chegar, serei transformada em janta.' - Quiri-Quiri respondeu, cética.

"Oras, eu não vou te devorar"- Gato fez alguns segundos de quietude, esperando que a rapineira dissesse algo. - " Tudo bem, eu

sei como é a natureza, mas não vamos chegar a este ponto. Sou um grande caçador, em qualquer época."

Quiri-Quiri sentiu que não havia muita escolha.- " Você pode ficar, nestes termos, até que Condor retorne."

"Condor!?"- O felino alarmou-se -" Você diz aquela grande ave escura que dava banquetes todos os dias? Dizem que é um carniceiro muito mal!"

"Oh, Condor não é mal. Ele me salvou da tempestade e cuidou de mim!" - Quiri-Quiri tentou defender o dono da casa.

"Não foi ele quem engordou os outros pássaros até que não conseguissem mais voar?"- Senhor gato perguntou.

"Sim, mas..."- A avezinha tentou defendê-lo mais uma vez, lembrando das lágrimas que o banquete havia trazido ao carniceiro-" Estavam todos tão felizes e ... "

"E não foi ele quem prendeu o Papafigo?" - O gato insistiu.

"Isso também, mas Condor não quis que..."

"E ele come gatos?" - O felino questionou, parecendo horrorizado.

" Dizem que sim, mas veja..."- A rapineira insistiu na defesa, mesmo que ela parecesse tão inútil quanto suas asas.

" E foi ele quem trouxe comida para você, cuidou de seu ninho e te manteve aquecida, dentro desta casa?"- Senhor Gato perguntou, enquanto dava um banho no próprio rosto, com o auxílio da pata. - "Foi ele quem pegou o Papafigo quando o mesmo caiu no chão? "

" Sim, Senhor Gato."- Quiri-Quiri abaixou a cabeça, sem entender onde o felino pretendia chegar- " Ele fez tudo isso"

" Pois então."- Gato se espreguiçou, encolhendo seu corpo ao lado do ninho. Bocejou, fechando os olhos, e caiu no sono.



Conforme os dias iam passando, Gato e Quiri-Quiri tornavam-se mais amigos. O felino ajudava a rapineira, ensinando-a a saltitar sobre as patas, e ela contava ao bichano a respeito dos lugares onde Condor buscava roedores e insetos maiores. Não havia fome ou tédio quando o assunto era aquela dupla.

De repente aquele outono, antes tão preso a si mesmo, deixou-se correr livre através das horas, dos dias, dos meses. A avezinha agora detestava dormir. Por mais que estivesse cansada, aproveitar cada segundo com Gato tornara-se o mais importante.

Quando o inverno chegou à porta, Quiri-Quiri já conseguia se locomover pela casa inteira, aos pulos, e Gato encontrava pelo menos um rato ao dia, sempre dividindo a refeição com a avezinha. Nas manhãs de neve, o felino permitia que a rapineira subisse em suas costas e a levava para o jardim, onde ambos brincavam de se esconder nas pilhas de folhas e deixar pegadas na areia gelada. Eles compartilhavam as fofocas que conheciam sobre os moradores da Cidade, como também tocavam lendas sobre o que haveria além da Fronteira.

Juntos, imaginavam os grandes animais que viviam na Savana e se lembravam da história de um lagarto venenoso a quem os felinos chamavam de Dragão. Perguntavam-se se a lenda da Raposa das Grandes Orelhas que vivia no deserto era real, tanto quanto a lenda da Libélula Safira, que brilhava no escuro e realizava desejos.

Certa tarde, enquanto Quiri-Quiri e Gato olhavam a neve cair, com o brilho da lua iluminando cada um dos flocos, a avezinha constatou que estava feliz.

E que terror aquilo lhe trouxe ao coração.

"Há tanto para se ver! Oh, Quiri-Quiri, quando conseguir voar outra vez, partiremos em uma grande viagem!"- O felino tinha o hábito de cantarolar aquele sonho.

A ideia deixava Quiri-Quiri esperançosa por uma hora ou duas, mas depois que a mesma esfriava e fazia sua marca no tempo, era pó, ilusão e nada mais. No fundo, bem no fundo, a avezinha sabia que nunca iria voar outra vez. Sabia também que, quando Condor voltasse a casa, Gato saltaria pela Janela, em um último adeus. Era ali tudo muito frágil. Muito passageiro.

O inverno congelava as águas, não as horas, de forma que as horas viraram dias e dos dias viraram semanas e as semanas foram passando e o frio se tornou verdadeiramente intenso. Já era impossível, até para a criatura mais felpuda, permanecer muito tempo do lado de fora. O inverno agora congelava também aqueles que se escondiam do lado de dentro.

A dupla já havia se juntado no ninho, arrancado as cortinas e feito-as de cobertor, recolhido todas as penas que jaziam no chão, mas nada realmente os aquecia.

Gato, vendo Quiri-Quiri tremer de frio, decidiu se arriscar:

" Conheço um rancho de ovelhas, não muito longe daqui. Elas têm muita lã. Talvez eu consiga roubar um pouco para nós"- E assim o felino escapuliu pela Janela, apressado.

Quiri-Quiri saiu do ninho e ficou saltitando pela casa, tentando esquentar-se com o calor dos exercícios e se acalmar ao mesmo tempo. Tinha medo que algo de ruim acontecesse com Gato, e tudo por que ela era fraca demais para aguentar o frio. Teria saltado e saltado, até o retorno de seu amigo, mas os sussurros de um visitante lhe chamaram a atenção

"Atravesso...Não. Não atravesso.... Não, é melhor atravessar.... Oh, céus, é melhor não..."

No alto do muro, atrás da Amoreira, estava um enorme rato, de pelos cinzas, calda longa e orelhas arredondadas. Ele olhava para o jardim, de uma ponta a outra, suspeitando de cada montinho de neve.

Quiri-Quiri achou a situação do roedor curiosa. Ficou um tempo assistindo a indecisão do animal, até que o mesmo finalmente a notou.

"Oh! Céus! Se tentar me comer, lhe devoro primeiro. Sua ave de rapina malvada!"

Quiri-Quiri pulou para trás com a ameaça, sentindo-se um tanto ofendida.

"Oras, quem iria querer comer um rato como você? Tão mal-educado, deve dar dor de barriga! Além do mais, veja seu tamanho. Rende uma refeição para 5 aves iguais a mim!"

"Pois bem, seus amigos querem me comer! Esperei a vida toda que aquele Condor malvado fosse embora, para poder atravessar esse jardim e chegar a casa ao lado, sem virar uma refeição no meio caminho. Agora, aquele gato gordo e fedorento não me deixa passar!"

" Gato não é fedorento!"- Quiri-Quiri retrucou.- ' Se este é o problema, pode passar tranquilamente, Senhor Rato. Ele foi roubar lã das ovelhas."

O roedor puxou o ar como um ralo faz ao levar embora a água da pia, e olhou mais uma vez ao redor do jardim. Deu um passo para frente, sinalizando que desceria do muro.

Mas então recuou.

"E se ele voltar enquanto estou no meio do caminho? O que será de mim?" - O rato questionou.

"Ele acabou de sair, nem deve ter chegado às ovelhas ainda. Pode passar tranquilo"-

Quiri-Quiri insistiu, vendo o temor nos olhos do rato.

Novamente o roedor ameaçou descer o muro, mas não o fez.

"Mas e se você decidir que está com muita fome e tentar me comer, assim de repente?! O que será de mim? Oh, Pobre de mim!"

" Eu nunca conseguiria alcança-lo a tempo, Senhor Rato. Não posso voar"

" Está mentindo!"- A roedor arrepiou os pelos das costas.

"Não, não estou. Já viu uma ave de rapina viver em um ninho de chão? Só aves que não voam fazem isso!" - Quiri-Quiri argumento.

"Bem, se é assim..." -O rato suspirou, começando a descer o muro. Mas no meio da descida, preferiu voltar para o topo.

" Para onde foi Condor mesmo?"- Ele perguntou.

"Foi viajar, atrás de comida"

"Oh, não! Céus! Aquele monstro pode voltar a qualquer momento, e me engolir com uma bocada só! Não, não, não! Vou me esconder antes que acabe morto!" - E assim o rato fugiu dali, deixando Quiri-Quiri e o jardim para trás.



Naquela mesma tarde, Senhor Gato voltou carregando a lã, com o rosto tão pálido quanto a neve, o corpo tremendo de frio e os bigodes congelados.

"Oh, Quiri-Quiri! Você não vai acreditar! "- Disse o gato, colocando o item no ninho da avezinha. - "Tenho que partir, preciso partir."

"Mais já?"

A rapineira sentiu as lágrimas encherem seus olhos. Haviam passado quase duas estações juntos. Quiri-Quiri sabia que era um tempo longo...mas passara tão, tão rápido.

"Oh, pequena amiga. Condor está voltando, a Coruja me disse. Se me encontrar aqui, viro jantar."- O felino se explicou, com a voz triste, esganiçada ' Se você ao menos pudesse voar..."

As asas de Quiri-Quiri não iriam retornar do passado e seus dias com o felino também não. Ele deveria partir, tinha que deixá-la para trás. A rapineira sabia.

"Pois então vá! Vá o mais rápido que conseguir e não olhe para trás! Se souber que Condor o devorou.... Vá! Vá logo!" - A avezinha saltitou alarmada, enquanto as lágrimas escorriam em seu rostinho.

O gato saltou pela Janela, subiu através da Amoreira, chegou ao muro e desapareceu de vista tão rápido quanto uma gota de chuva que atinge a superfície de um lago.

Quiri-Quiri sentou-se no ninho. Ficou aconchegada naquela lã, quente e felpuda, olhando os flocos de neve caírem no jardim, fazendo de conta que aquela bolota de pelos era seu amigo, felino. Que ele estava ao lado dela, e que ficaria ali para sempre.

Condor chegara na casa com um sorriso de ponta a ponta e uma sacola cheia de comida. Lagartixas, camundongos, insetos de todo o tipo.

A rapineira escondeu as lágrimas e se fez de contente, enquanto Condor lhe oferecia algum alimento e lhe contava como havia sido a viagem. Mas, ainda que o teatro de Quiri-Quiri fosse muito convincente, a grande ave logo percebeu que algo estava fora do lugar.

"Quiri-Quiri, o que é isso no seu ninho?"- Condor perguntou.

"É algodão."- A avezinha mentiu. -" O vento trouxe e eu juntei."

"Juntou como? Não sabe voar!"- Disse o carnicheiro, incrédulo.

" Aprendi a saltitar com as patas, Condor." - E assim, Quiri-Quiri levantou-se do ninho e mostrou para a grande ave seus saltinhos.

Condor ficaria tão orgulhoso de ver como a ela saltitava, de como suas patas estavam fortes, e de como ela havia progredido em seu estado de rapineira, que se esqueceria do tufo de lã, pensara a rapineira.

Mas não foi assim que aconteceu.

"Oh, Quiri-Quiri."- O carnicheiro zombou, rindo de seus pulinhos.-" Quem pensa que é?

Uma galinha? Tome vergonha neste seu bico e pare de saltitar. Céus, você é uma ave de rapina! Que coisa ridícula!"

Aquilo partiu o coração de Quiri-Quiri em tantos pedaços que a avezinha temeu não conseguir juntá-los novamente. Tinha feito tanto esforço para aprender cada um daqueles saltinhos... Senhor Gato tivera tanto trabalho ajudando-a.... A angústia que Condor amarrou em seu pescoço era tão grande que a rapineira não teve mais dizeres.

" É lã, eu muito bem sei. Vou até as ovelhas perguntar sobre isso."- E com uma das garras, apanhou a lã que Senhor Gato havia deixado para a avezinha " Te alimento, faço tudo para mantê-la bem e segura... E é assim que me agradece? .... Conversaremos quando eu voltar!" - E assim Condor bateu suas grandes asas e voou para fora da casa, através da Janela.

Quando perdeu a grande ave de vista, Quiri-Quiri voltou para seu ninho, se aconchegando ali e dando um longo suspiro, sem mais

lágrimas que conseguisse chorar. Os dias com Senhor Gato haviam sido bons demais para serem verdade. Agora, teria sorte se Condor apenas lhe tirasse a lã e a deixasse passar frios. Sabia que, quando irritado, o carniceiro era capaz de coisas muito piores.

Condor voltou ao cair da noite, muito enfurecido.

"Deixou um gato entrar aqui, Quiri-Quiri! Ele poderia ter te devorado com um bocado só! São criaturas malucas, assassinas! Já não lhe expliquei isso? Céus, você não me deixa outra escolha!"- A ave mostrou-lhe as costas, cheias de penas escuras.-" Vou fechar aquela janela!"

Quiri-Quiri pensou em um milhão de coisas para dizer. Dizer que nem todos os gatos comiam pássaros. Dizer que amava aquele jardim tanto quanto amara suas asas, e não poderia se separar dele. Dizer que sentia muito e que prometia nunca mostrar desobediência outra vez. Dizer que faria qualquer coisa para ser perdoada.

Mas Condor já havia fechado a Janela.



Quiri-Quiri revirava os restos do estoque de alimentos, em busca de comida, sem sucesso aparente.

Condor chegava a casa, trazendo entre suas penas feitas de escuridão as mesmas notícias do dia anterior:

O temido Leão Branco, que diziam estar adormecido nos esgotos mais obscuros da Cidade, decidira sair de seu esconderijo e andar pelas ruas. Ninguém sabia dizer o por que exatamente.

A bela monstruosidade vagava pelas ruas, deixando suas pegadas na neve, atrás de presas. Coelhos e Corujas, Onças e Crocodilos, Borboletas e Camundongos. Ninguém estava a salvo.

Aqueles que o avistavam de longe o classificavam como "gigantesco", "impiedoso",

"faminto". Diziam que seu pelo era denso e reluzente, mas sua face era coberta por cicatrizes horrendas. Outros afirmavam que o animal tinha a altura de um elefante.

Um lobo, o único a ficar cara a cara com a criatura e viver para contar a história afirmava que o Leão tinha os olhos tão brancos quanto a neve e o resto de seu corpo.

"Cego, com certeza"- Disse o Lobo à Coruja, quem transmitiu a história a Condor, que por sua vez, contou a mesma história a Quiri-Quiri-" Sentiu meu cheiro, mas não conseguiu me encontrar. Eu estava escondido, abaixo de seus pés, e ele sabia que eu estava lá, há centímetros dele, mas não conseguia dizer onde. Foi por pouco. Por tão pouco"

O Corvo andava observando o Leão a partir do alto:

" Este monstro pega o que quer, quando quer, sem avisar ou pedir licença. Uma vez que o Leão lhe apanha, entre garras e dente, é impossível de se escapar."

" Aquela abominação entrou no rancho das ovelhas. As coitadas estavam no celeiro, portas e janelas trancadas. Nem um rato poderia entrar ali. Mas o Leão pôs o lugar abaixo.

Devorou cada uma das infelizes. Se ele quer alguma coisa, ele pega. Não há como se esconder." - A Égua veio contar ao Corvo, que contou a Coruja, que contou a Condor.

Quiri-Quiri sentiu-se apreensiva com todos aqueles rumores. O que fazer, além de esperar que a sorte estivesse a seu lado? Era só olhar para suas asas, para ter certeza de como aquela espera seria decepcionante.

Em uma noite, perdida em pensamentos sobre o temível Leão Branco, Quiri-Quiri ouviu três batidas nos madeirados da Janela. Nevava lá fora. Quem poderia estar emitindo o chamado, em tamanhas circunstâncias?

Condor, que dormia em seu ninho, no alto da parede, levantou-se e planou até o chão.

Com um grande bocejo, arrastou suas asas até o quarto ao lado, abrindo para o visitante.

"Senhora Coruja."- Condor tentou fazer uma cortesia, ao identificar a visita.-" Entre, por favor"

A Coruja agradeceu, saltando para dentro da casa e sacudindo a neve das penas já brancas por natureza.

Quiri-Quiri, vendo a criatura se aproximar, tentou se colocar na forma mais disciplinada e ereta possível. Senhora Coruja era uma grande caçadora, de asas magníficas e sabedoria lendária. O que pensaria de Quiri-Quiri? Uma ave de rapina que só sabia pular sobre as patas, não melhor que um pinguim? Era patético, Quiri-Quiri sabia que era.

"O que deseja, vindo a minha casa embaixo deste tipo de céu?" - Condor indagou.

"Mas o que temos aqui?"- Senhora Coruja não deu atenção ao grande carniceiro, se aproximando da pequena rapineira.- Nunca tinha visto um falcão estacionado em um lugar de tão pouca altura."

Condor entrou na cena, disfarçando a irritação.-"Oh, é Quiri-Quiri. Não sei o mais o que fazer com ela. Veja só essas asas. Imprestáveis."

Ouvindo o que Condor dizia, a avezinha começou a tremer de nervosismo. Ele não precisava ter dito aquilo, não naquele momento, não daquela forma. Não na frente de Senhora Coruja.

" Hm... " - A Coruja agarrou uma das asas de Quiri-Quiri e a esticou para o alto.

"Oh, por favor, não olhe. Por favor, por favor. Eu sinto muito." – Quiri-Quiri lamentou-se, desmanchando sua postura, enquanto Senhora Coruja olhava músculos e penas.

"Pelo que?"- A ave de grandes olhos questionou. - "Suas asas estão ótimas"

"Ótimas?" – Quiri-Quiri se sentiu humilhada. A Coruja só poderia estar dizendo aquilo por educação.

" Estão um pouco enferrujadas, mas é só. Basta treinar um pouco e...."- A Coruja começou, soltando as penas da rapineira, mas Condor a interrompeu.

"Oras, está mesmo ficando velha e caduca."- O carneiro atigou a criatura noturna -

"Estas pobres asas foram atingidas por um raio"

" Oh, as asas dela se feriram a um tempo atrás, eu posso ver.' - Se dirigiu a rapineira -

"As cicatrizes estão aí, talvez incomodem um pouco, mas não vão mais atrapalhar seu voo, criança."- A Coruja pegou a asa de Quiri-Quiri outra vez, entre as garras antes de solta-las e virar-se para Condor-" Se isso fosse produto de um raio, a pequena estaria morta, no mínimo.

Foi a queda, não o raio. Deveria a pequenina aqui ser uma boa voadora, pois só bons voadores saber cair de um jeito que não lhes seja fatal, como é possível ver nestas asas."

Ao ouvir as palavras da Senhora Coruja, Quiri-Quiri deixou uma coisa nascer, bem lá no fundo de seu coração. Era uma coisinha fraca, débil e quase insignificante. Mas tinha nascido. E agora estava ali.

" Foi para isso que veio aqui? Para julgar as asas deste falcão aleijado?" - Condor exclamou, emburrado. - " O que quer a essa hora?"

Com o bico, a coruja arrancou uma pena de si mesma. - " Vim convidá-lo para a reunião das aves de rapina. Temos que discutir um problema com os ratos e camundongos.

Os bichos não estão saindo das tocas, ou foram todos pegos pelo Leão Branco, o que acho improvável"- Senhora Coruja entregou a pena a Condor." -" Contamos com sua colaboração."

"E quando será isso?"- Perguntou a grande ave, apanhando a pena.

" Devo convocar as rapineiras da cidade e dos arredores. Isso leva tempo, achar todas elas. Então a reunião será daqui a duas semanas, na primeira noite de lua cheia. Nos encontraremos no relógio da cidade, e depois partiremos para uma grande caçada. Por isso, reserve outras duas semanas, para a caçada, Sim?"- E arrancou outra pena. -" Você deve comparecer também, senhorita. Se já estiver voando até lá"- E colocou a pena no ninho de Quiri-Quiri. - "Vá batendo as asas todos os dias, sem sair do chão. No começo será difícil, mas creio que, dentro de uma ou duas semanas, voc.... "

" Agradecemos o convite, Senhora Coruja. Mas acredito que é hora de você ir embora." - Condor interrompeu-a, empurrando a ave sutilmente em direção à Janela.

"Oh, pobre criança é você, Condor." - Disse a Coruja, dando as costas para ambos e começando a bater suas asas, preparando-se para atravessar a Janela- " Um pouquinho todo dia. Um pouquinho todo dia."- A Coruja virou sua cabeça para trás, olhando para Quiri-Quiri, antes de saltar para o ar e voando para longe.

Quiri-Quiri pensou consigo mesma, ansiosa. Se a coruja dizia que ela podia voltar a voar, então...

" Se ver você batendo estas suas asas, seu falcãozinho tolo, nunca mais trarei um pedaço de comida para você"- Condor apanhou a pena que Senhora Coruja deixara no ninho de Quiri-Quiri, escondendo-a. - " Você já me causou muitos problemas. Não quero ter que ouvi-la choramingando de frustração como no dia em que te resgatei. A Coruja disse aquelas asneiras para tentar te animar, mas não se iluda. Suas asas estão mortas há tempos, e você sabe disso." – O carniceiro se afastou, voando para seu próprio ninho, com suas asas fazendo sobra onde já estava escuro.



A lua cheia tocou o céu mais rápido do que Quiri-Quiri gostaria.

Naquela noite, Condor saiu de casa para ir a reunião das aves de rapina e deixara a Janela bem trancada.

Lamentava e angustiava-se, por não ser capaz de se juntar as outras caçadoras Quiri-Quiri ficou ciscando o chão, enquanto saltitava e batia suas asas, como a Coruja havia ensinado e como agora era seu hábito, sempre que Condor deixava a morada.

Nos primeiros dias a dor em suas cicatrizes era tremenda. Suas articulações doíam.

Ondas de câimbra dominavam seus músculos, atrapalhavam seu sono. Porém, um dia após o outro, as dores foram diminuindo. Logo os mínimos incômodos já não estavam ali. Quiri-Quiri conseguia bater suas asas mais rápido e mais rápido, e estica-las tão bem quanto Condor esticava as dele. A rapineira desenvolveu um treino disciplinado. 30 voltas de saltos ao redor do quarto. 30 voltas no quarto, ciscando e batendo as asas. 30 voltas saltando e batendo as asas. Sentia-se um pouco animada com as próprias regras que estabelecera para si e pelos pequenos progressos, ainda que não conseguisse voar.

Já estava em sua vigésima quarta volta de saltos quando, ao passar diante da Janela, algo em movimento lhe chamou a atenção.

"Oh, tanto frio. Tanto frio" - A cobra rastejava através de um espaço mínimo entre as portinholas, para dentro da casa. Coberto de lascas de gelo, a língua roxa como amoras, os olhos quase brancos, de tão congelados, o animalzinho lamuriava - "Oh, tanto frio...tanto frio."

" Céus!"- Quiri-Quiri saltou para fora do ninho, vendo o estado da cobra-" Aqui, se aqueça. Minha nossa, veja como você está gelada! "- Podia sentir ares densos emanando do réptil, em nuvens pálidas de fraca respiração.

A víbora rastejou para dentro do ninho, enrolando-se em si mesma, tremendo da mesma forma que um bambu faz ao levar um golpe. - "Oh, frio. Tanto frio"- Sussurrou, encolhendo-se cada vez mais.

"Eu tinha um novelo de lã. Seria tão útil agora..."- Quiri-Quiri comentou, saltitando pelo quarto.-" Fique o tempo que achar necessário."- A rapineira tentou mostrar hospitalidade. Se havia aprendido uma coisa com Gato, era que todos tinham direito a pelo menos uma primeira chance. Além do mais, era a pobre minúscula. Poderia segurar a cobra em seu bico, se assim quisesse. -" Esta casa pertence a Condor. Julgo necessário te deixar informada."

"Oh, por todas as areias quentes do deserto!"- A cobra lastimou-se, tremendo cada vez mais de frio, mas também agora de medo-" Esta não pode ser a casa de Condor...Não pode..."

Que vida cruel. Vi aquele monstro tão de perto. Fugi dele com todas as forças que me restavam...E para que? Veja onde estou, na casa de Condor!"

" Ele saiu a pouco, permanecerá fora por duas semanas."- Disse Quiri-Quiri, entristecida pelo sofrer da cobra. - "Talvez haja tempo para você se esquentar."

"Oh, estou tentando." - Disse a cobra, chorosa.-" Eu preciso de Sol....de areia quente e Sol...."

Quiri-Quiri tinha conhecimento sobre aquela necessidade. Condor comia répteis, e por hábito, era um especialista em tudo aquilo que comia:

"São criaturas de sangue frio, Quiri-Quiri' - Disse-lhe a grande ave, quando, em dias mais quentes, trouxera uma serpente para o jantar.-  
" Elas podem ser fortes e letais no verão.

Mas quando o inverno chega, e elas estão desabrigadas e sozinhas... O inverno sente o cheiro de sua fome e de seu temor. Ele as encontra e as devora."

Quiri-Quiri nunca se enchia de falsos otimismo. Mesmo a víbora ficasse semanas naquele ninho, talvez não houvessem formas para reverter aquele estado antes que o inverno a encontrasse.

" Rezo para que o Leão me encontre. Dizem que ele engole em uma bocada só."- A cobra chorou, agonizada. -" Não quero que Condor me devore. Ele vai me mastigar, eu sei que vai. Não deixe, não deixe.... Eu sei que fui má. Sou uma Coral, está em minha natureza.

Que o frio parta meu espírito ao meio..., Mas não deixe que Condor me devore. Não deixe.

Por favor"

"Não chame pelo Leão. Ele vai aparecer, se você o chamar!" - Disse a rapineira, assombrada.-" Ninguém vai te devorar, eu prometo."

Determinada a salvar o réptil, Quiri-Quiri começou a juntar penas espalhadas pelo quarto, se movendo de um lado para o outro com os pulos mais altos e mais rápidos que suas pernas conseguiam dar. Pegava um montinho de penas e as colocava no ninho. Restos de

palha e tiras de pano perdidas nos cantos. Mas nada parecia ser o suficiente.

O ninho de Condor era cheio de penas grandes e negras, quentes o bastante para salvar Coral. Porém, o ninho do carnicheiro estava a metros distantes do chão.

Quando terminou de juntar tudo que estava em seu alcance e ajeitar cada peça no ninho, a avezinha questionou a pequena cobra, temendo que a mesma já não respondesse.

"Oh, está mais quente, ainda que frio"- Coral respondeu, um pouco menos pálida que antes.- "Talvez um pouco de sono me ajude..."

Quiri-Quiri saltitou mais um pouco ao redor do quarto, enquanto a serpente tentava adormecer. Era uma cobra pequena demais e fraca demais para se temer. Mesmo se tentasse devorar a rapineira, não conseguiria engolir mais que uma de seus dedos. Não havia por que se preocupar com uma criatura visivelmente desamparada como aquela. Talvez se....Se se deitasse junto a Coral, só um pouquinho, para que a cobra se esquentasse....

A avezinha subiu no ninho, aconchegando-se ao lado da serpente, cobrindo a mesma com uma de suas asas, protegendo-a dos ares frios.

Com o passar das horas, a cobra recuperara um pouco de sua cor avermelhada, e diminuía suas tremedeiras. Mas ainda estava gelada, como um montinho de neve.

" Sou uma Coral, muito venenosa."- A víbora recuperou a consciência depois de um tempo.- "Ficar tão próxima assim de mim pode ser tão perigoso quanto ir lá fora procurar o Leão do Inverno. Bastaria que eu abrisse um pouco a boca para te picar."

Quiri-Quiri temeu pelo veneno e sentiu o impulso de se afastar. Mas diante da debilidade da Coral, a piedade da avezinha foi maior. - " Eu

sou um falcão. Tenho garras e um bico afiado. Talvez eu fique com fome e te devore."

" Você não sabe, mas é muito corajosa."- A cobra riu, ainda que tremendo pela falta de calor. - " Oh, eu já vi Quiri-Quiris menores que você ganharem uma briga contra um Leão.

Você poderia lutar contra um também, se decidisse finalmente voar' - A Coral revirou-se um pouco dentro do ninho.

Quiri-Quiri tentou se imaginar revoando a cabeça do grande felino. Tentou se imaginar deixando a criatura tonta, para então atacar seus olhos, derrotando o inimigo e fugindo para a segurança. A cena passou com clareza em sua mente, mas havia o peso de suas asas e das paredes, da Janela fechada e do inverno. - " Não acho que isso seja verdade, Senhora Coral.

Deve estar enganada. "

A cobra fez um silêncio. Então juntou forças e tomou uma atitude brusca.

Antes que Quiri-Quiri percebesse, já estava a bater suas asas, em pânico, indo para cima e para cima...

" O que pensa que está a fazer?!"- Atordoada, Quiri-Quiri gritou para a cobra, olhando para baixo. Devido a tontura, demorou a perceber que a Coral tentara lhe dar o bote.- " Faz jus a sua fama de traidora e tenta me abocanhar?"

" Me diga. Como chegou aí em cima tão rápido?"- A cobra questionou, sorridente.-

"Pensei que não soubesse voar"

A avezinha olhou ao seu redor, e mais uma vez para baixo, para os metros que estava distando do chão. Tentou se lembrar como havia

parado ali. Depois pensou que talvez...muito provavelmente...estivesse sonhando.

Coral havia se mexido sob sua asa, Quiri-Quiri sentiu o ar entre as penas, o som da mandíbula da cobra a se abrir. Assustou-se, bateu as asas e.... de repente, estava empoleirada no ninho de Condor.

" Isto não foi voar. Foi um pulo de galinha."- Quiri-Quiri concluiu para si mesma, tentando não se iludir.-" Como trocar do poleiro mais baixo para o mais alto. Só isso"

A Coral voltou a se enrolar, quase dando um nó em si mesma, fechando os olhos.- "

agora que aprendeu sua lição, me traga estas penas quentinhas, sim?"

" Oh, pensa que consigo descer daqui?" - Quiri-Quiri olhou para o chão, preocupada "

Você vai tentar me morder, assim que eu lhe der as penas?"

" Veja seu tamanho, Quiri-Quiri."- Coral sibilou - "Você sabe que fiz para seu bem. Não ia morde-la de verdade. Mesmo se tentasse comê-la, mal suas patas caberiam em minha boca, quem dirá essa sua grande cabeça."

"Ora essa!" - A rapineira protestou, com a certeza de que sua cabeça era perfeitamente proporcional ao seu corpo, enquanto a cobra soltava risinhos fracos, metros abaixo.

Quiri-Quiri juntou as penas do ninho de Condor e atirou-as ao chão.-  
" Ai estão suas penas."

"Oh, criança. Eu realmente não posso subir aí em cima e fingir picá-la de novo, só para que você possa descobrir outra vez que consegue voar. Desça logo"

A rapineira estufou o peito e saltou do ninho, abrindo as asas o máximo que pode.

Descer foi mais fácil do que pensava. Bastou manter as asas bem abertas e deixar que o ar a carregasse até o chão, com seus dedos suaves e comedidos. Quiri-Quiri se esquecera de que o vento poderia ser gentil daquela forma.

"Viu? Você voa." - A cobra insistiu.

" Não foi voar. ` -Quiri-Quiri saltitou pelo quarto, carregando as grandes penas de Condor e colocando-as no ninho onde Coral estava.-"Foi planar. O que as folhas fazem quando se soltam das árvores."

" Oh. Eu sei que parece bom demais para ser verdade.' - A cobra se aconchegou nas penas, visivelmente mais confortável.-" Eu disse a mim mesma que era uma Falsa Coral por anos de minha vida. Até que um dia, um cão tentou me devorar."



Aquelas duas semanas foram passando. Quiri-Quiri continuava seu pequeno treino, e comia dos poucos insetos que haviam sobrado no estoque, enquanto Coral dormia no ninho.

Quando a luz se escondia, e o frio se tornava quase insuportável, ambas se juntavam no ninho, para outra noite.

Logo, chegou o dia em que Condor retornaria da caçada, o que trouxe desespero a cobra.

"Oh, eu não posso ir embora, rastejando na neve... O Leão está lá fora."- A Coral enrolava-se entre as penas de Quiri-Quiri, temerosa- " Se ficar aqui, Condor me transformará em janta"

A rapineira já sabia o que fazer.

Escolheu um canto do quarto e ciscou o chão até criar um buraco, grande o suficiente para a cobra e mais algumas coisinhas. Então foi ao seu ninho e tomou de volta todas as penas que estavam com Coral, levando-as para dentro do buraco. Por fim, cobriu a toca improvisada com tocos de madeira que encontrara pela casa. Deixou apenas um pequeno vão descoberto, por onde a cobra deveria passar.

" Vamos, se esconda aqui."- Quiri-Quiri apontou para a abertura. - " Está quente e vai te manter segura até a primavera. Logo poderá sair e aproveitar o Sol."- Quando a víbora não se moveu, a avezinha insistiu.-" Vamos, todos nós precisamos nos esconder vez ou outra...eu lhe darei comida até lá, fique tranquila...e você poderá sair quando Condor não estiver em casa."

Coral, sem melhores escolhas, rastejou até o esconderijo.

Condor retornou a casa, acompanhado por Corvo e Senhora Coruja. Vinha buscar gaiolas velhas para colocar os ratos e camundongos que a legião de rapineiras havia apanhado.

Ouvindo a indicação do que o grupo faria ali, Quiri-Quiri saltitou até a pilha de tralhas onde Coral se escondia, parando diante dela e impedindo a visão e a passagem. A avezinha não queria arriscar mais do que já estava a fazer: Se aquele trio de aves carnívoras e famintas avistassem a pobre serpente...

"De quantas gaiolas precisamos? " - Condor perguntou, enquanto revirava uma das pilhas.

"Oh, muitas gaiolas."- Coruja disse.-' Sei que tem algumas nos quartos do andar de cima, meu caro amigo. Poderia buscá-las para nós?"

Condor resmungou um pouco. Mesmo assim, abriu suas asas e voou para o quarto de cima, atrás do que haviam lhe pedido.

"Veja, Corvo".- Disse a Coruja, apontando para Quiri-Quiri, assim que a grande ave subiu as escadas - "Aqui está a rapineira de quem lhe falei. Condor insiste em dizer que ela não tem capacidade de voar, mas veja estas asas. "- E novamente a Coruja abriu uma das asas de Quiri-Quiri com as garras, sem pedir licença.

"Oh, posso ver que estão um pouco sem treino, mas o formato destes músculos... e estas penas!" -O Corvo se aproximou, olhando bem de perto cada detalhe nas asas de Quiri-Quiri -" Oh, e veja as garras dela. E como seu bico é afiado. Tem, razão, Coruja. Ela seria de grande utilidade para nossa caçada."

" Corvo, não seja tão tagarela." - A Coruja sorriu para o pássaro negro, antes de virar sua cabeça para Quiri-Quiri. -" Andou treinando, criança?"

" Bem, sim"- Quiri-Quiri respondeu, sentindo como se uma pedra lhe esmagasse contra o chão. Não era mentira. Ela havia treinado. Mas continuava a ser tão boa em voos quanto uma galinha.

" Então nos mostre o que sabe fazer." - Corvo pediu, de forma simpática.

Céus, como falhar diante daquela dupla seria vergonhoso... A rapineira sentia-se incapaz mover-se.

" Vamos lá, criança. Mostre-nos" - A Coruja insistiu, fingindo não perceber a tensão no ar.

A avezinha juntou coragem, respirou fundo e abriu as asas, começando a bate-las com o máximo de amplitude. Ao sentir a força do vento em seu rosto, deu o melhor impulso que conseguiu e saiu do chão.

Bateu e Bateu as asas, com os olhos fechados em temor. Para cima e para cima.

"Oh! Muito bem! Muito bem! Fantástico" - A Coruja cantarolou- "Está voando, pequena!"

Você conseguiu!"

Estava voando! Desta vez era verdade, tinha que ser. Quiri-Quiri estava voando!

A avezinha bateu as asas mais um pouco, tentando atravessar o quarto. Estava tão feliz. Mal podia acreditar.

" Quiri-Quiri, abra os olhos!"- A Coruja pediu, mas a avezinha não deu atenção.

Um pouquinho por dia, era de tudo que precisava. Que conseguisse um pouquinho por dia, a cada dia mais e mais, e logo seria capaz de voar em tempos de nevasca e ao redor da cabeça de Leões, sem que eles conseguissem apanhá-la. Sim, ela poderia se tornar a melhor rapineira d....

"Quiri-Quiri, abra os olhos!" - A Coruja repetiu, e desta vez a avezinha deu ouvidos.

Mas já era tarde.

Seu corpo bateu contra a parede, deixando que o ar escapasse de seus miúdos pulmões. A pobre Quiri-Quiri escorregou de encontro ao chão, em uma dupla de ' Puff" sem graça, sem brilho e sem gentileza.

Diante do silêncio e da dor que a falha tinha causado em seu corpo e espírito, a avezinha se deitou de lado, encolhendo-se como um filhote, com as esperanças transformadas em migalhas.

Condor tinha razão, ela era imprestável. Não deveria sonhar com aquele tipo de coisa.

Não era para ela. Usou uma das asas para cobrir a vergonha de seu rosto, tentando fazer com que suas lágrimas acompanhassem, uma por uma, a sinfonia muda que preenchia o quarto.

"Oh, muito sem prática, você esqueceu de me dizer, Coruja"- O Corvo deu de ombros a avezinha caída.- " Ela não serve para isso, talvez nunca sirva. O problema não está nas asas, está nela como um todo."

" Bem, ela nem conseguia sair do chão a umas semanas atrás. Talvez com mais uma ou duas semanas..."- A Coruja insistiu, se aproximando de Quiri-Quiri para ver se ela estava bem ou mais ou menos viva.- "Aquilo foi um bom começo, avezinha. Foi mesmo."

"Oh, sim. Espere tempo o bastante para que ela possa bater estas asas em nossas orelhas, e o rosto no tronco das árvores, atrapalhando as caçadas"- Disse o Corvo, em um tom sombrio - "Existem várias aves de rapina, muito melhores que esta incapaz, que poderiam preencher a vaga. Deixe essa coisa aí. Vamos pegar as gaiolas e ir embora. Esta avezinha é uma vergonha, não quero ficar perto dela"

Quiri-Quiri não se obrigou a responder. Ela fora patética. Mal saiu do chão e já dera com o bico no concreto. Que tipo de ave respeitável faz isso? Corvo tinha razão, não importava o quanto Coral pensasse o contrário, o quanto a Coruja se mostrava compreensiva, ou quanto a avezinha rezasse para que as coisas não fossem daquela forma. Ela era uma rapineira que não sabia voar. Ponto Final.

" Me espere" -Disse a Coruja, quando Corvo iniciou sua subida, voando escadas acima.- "Vou com você"- E olhou para Quiri-Quiri uma última vez, antes de deixar o quarto.

A rapineira saltitou até seu ninho, onde era seu lugar de direito, e se encolheu, tentando esquecer aquilo que se passara. Esquecer a Janela, Senhor Gato, as Palavras de Coral, A Amoreira, O medo que

sentia do Leão, o desgosto na voz de Corvo. Aquilo tudo ia passar, eventualmente...Não ia?

Depois que as visitas foram embora, Condor veio ao encontro da avezinha, saltando pelos degraus da escada:

" Eles não sabem o que eu achei"-Disse Condor, aos sussurros.-  
"Peguei escondido. É

um camundongo.Troxe para você"- E a grande ave deixou o presente diante de Quiri-Quiri, com um sorriso caloroso, de ponta a ponta.

Condor era tão bom para ela. Por que estava tentando voar? Ele era um carniceiro, sua natureza não era sinônima de delicadeza. Mas ele cuidava dela, se arriscava lá fora, naquele inverno cruel, enquanto o Leão Branco estava à solta, caçando a todos. Condor salvara-lhe a vida. Dera-lhe um teto e um ninho quente.

Era uma avezinha muito gananciosa. Cruel de dentro para fora. Ingrata. Talvez, por toda aquela ruindade, não merecesse abraçar os céus.

" O que foi, Quiri-Quiri?"- Condor disse, preocupado ao ver a pequena chorar diante do presente. - "Não gostou? Pensei que você ia gostar. Juro que não quis chateá-la. Por favor, não fique assim."

"Sou uma rapineira muito má"- Quiri-Quiri confessou, comendo o roedor, entre as lágrimas. - ' Eu não mereço um lugar nos céus."

♣

E como já era de se esperar, a primavera chegou rápida, junto com o momento de mais um amigo partir.

"Oh, nossa amizade foi algo interessante, devo dizer. Talvez, algum dia, você me encontre, e possamos caçar alguns ratos."- Coral sorriu, com seus negros olhos brilhantes. - "

Não há qualquer coisa de errado com você, criança. Olhe dentro de sua mente e encontrará, lá no fundo, uma solução mais adequada que a minha, a de Condor, ou de qualquer outra ave interesseira. "- A cobra rastejou até o parapeito da Janela, buscando o vão por onde havia entrado, meses atrás.- " Lhe desejo a melhor das sortes." - E deslizou para fora da casa, sem mais palavras.

Quiri-Quiri não fizera outra coisa além de olhar em sua própria mente, desde aquele dia em que, voando através das planícies nas Savanas, a chuva corrompeu-lhe as asas e um raio azul e túrgido cruzou-lhe o caminho, rasgando seus sonhos em pedaços.

E se não houvesse solução? Algumas coisas não têm solução. Isso fazia parte do mundo. Finais tristes para pássaros tristes. Era algo normal de se acontecer. Com certeza acontecia a todo momento, em todos os lugares.

Restava para ela guardar na memória a felicidade que sentira com Senhor Gato e com os sonhos que planejaram juntos. Os risos e as fofocas que vinham dos banquetes. A esperança que sentiu quando Senhora Coruja a incentivou a voar. O orgulho de si mesma por conseguir dar míseros saltinhos sobre as patas e bater as asas como aqueles que voam. Por descobrir que uma cobra tinha mais doçura que veneno. Grata por conseguir enrolar-se nos ares uma vez ou outra. Tantos momentos, cada um deles tão maravilhoso e especial. Deveria ser o bastante.

Mas não era.

Imaginava tudo o que poderia fazer se tivesse suas asas de volta. Tantos lugares para conhecer. Seus amigos a esperavam do lado de fora. Queria poder mostrar a todas aquelas aves como estavam errados sobre ela. Queria voar mais alto e mais rápido que qualquer condor, coruja ou corvo. Sentia a falta de seus amigos, sentia falta da neve e do Sol do verão. Sentia falta da floresta. Sentia falta do céu. Sentia falta das Savanas. Sentia falta de seu Lar. Sentia-se sozinha, ainda que não estivesse.

Condor estava lá, cuidando dela e preservando-a, como parte da casa.

Mas e se Condor decidisse que a avezinha não era mais necessária, encontrasse alguém de companhia mais interessante. O que seria dela, um animal que não se basta sozinho, se Condor um dia simplesmente desaparecesse? Se algum dia o ...

Um grito cortou os pensamentos de Quiri-Quiri, fazendo-a pular de seu ninho. Olhou para os cantos e as paredes da casa, para o teto e para a Janela, procurando uma resposta, um consolo. De acordo com os barulhos que agora seguiam o primeiro grito, havia uma espécie de comoção do lado de fora. A avezinha começara a rezar para que não fosse algo terrível.

Angustiado, a avezinha escutava passos de pequenos, médios e grandes animais, correndo em ritmos firmes e desesperados, trêmulos e desistente, silenciosos e astutos, histéricos e sem esperança. Havia o som de filhotes guinchando por suas mães. O choro alto de mães clamando por seus filhotes. Bateres de asas tão urgentes que o vento era cortado, em zunidos. Pernas de todos os tipos e tamanhos batendo umas nas outras, em uma espécie de percussão desordenada, onde todos queria passar à frente de todos. Um cavalo à trote relinchara, relinchara, até cair em absoluto silêncio, em meio ao festival de barulhos estranhos. A parada musical em terror foi se afastando, ficando cada vez mais inaudível, até desaparecer completamente.

Quiri-Quiri, por um instante, respirou fundo e aliviada. Pronto, passara. Deveria ser algo de muito ruim e horrível. Com certeza perigoso. Mas já passara, e não poderia feri-la.

Entretanto, ao caminhar de retorno ao seu ninho, um baque surdo transbordou pelas frestas da Janela, fazendo tremer as paredes da casa.

A avezinha não soube de imediato o que era, mas seu coração, que se apertava e dava nós doídos em si, parecia já o saber.

Quando o som se repetiu, desta vez mais alto, a mente de Quiri-Quiri convenceu-se do pior.

Patas gigantescas se aproximavam e, a cada passo, as paredes se balançavam com mais intensidade. Primeiro era a poeira que, com a vibração, escapava das frestas entre os tijolos e das vigas de madeira, responsáveis por segurar os andares de cima no lugar.

Quiri-Quiri, pedindo piedade aos céus, se escondera no buraco que antes pertencera a Coral, protegendo-se dos até então pequenos destroços e .... Daquilo.

Condor não estava em casa.

O que era simples e pequena vibração transformou-se em terremoto. Os tijolos das paredes começavam a sair das paredes, em um desencaixe continuou. Caíam as vigas, e então o piso dos andares superiores.

Em pânico, Quiri-Quiri percebera que não poderia se esconder. Se continuasse ali, morreria soterrada. Correu para fora do buraco, desviando daquilo que caía, seu coração a milhão, seus olhos sem saber para onde deveriam seguir e seus ouvidos escutando o som do fim cada vez mais próximo.

Condor não estava em casa.

As portinholas que fechavam a Janela do quarto ao lado partiram-se em estilhaços de uma única vez e mergulharam ao chão, desesperançadas. O jardim, lá fora, tinha suas folhas, frutos e flores, galhos e troncos, derrubados pelo balanço. A fonte de mármore rachou-se de ponta a ponta e o que antes era água transformou-se em puro lodo, escuro como as asas de Condor.

Por que Condor não estava em casa?

Enquanto o quadro da Janela ruía, o parapeito defeituoso mantinha-se firme, segurando o restante daquela parede, enquanto as outras paredes da casa distorciam-se ao redor da avezinha, fechando-a cada vez mais em seu pequeno espaço, como um vaso de argila fresca que, pelas mãos habilidosas de seu artesão, afunila-se aos poucos.

Condor não estava ali. E a casa também não estava mais lá. E era dali, da Janela do quarto ao lado, que o som do Leão Branco vinha-se fazer mais real e estrondoso.

O vento entrou, trazendo aromas desesperadores.

Até o mais antigo de seus amigos fora destruído.

Seria seu fim, Quiri-Quiri percebeu, tentando se acalmar na conformidade. O chão tremia sobre seus pés, a jogando de um lado para o outro e a avezinha chorava, por que estava com medo.

O Leão viria e a devoraria.

O Gato, se estivesse por aquelas bandas, lamentaria sua morte?

A Coral lembraria de Quiri-Quiri com carinho?

E a Coruja, sentiria pesar?

Condor sentiria Culpa?

Condor deveria sentir culpa?

Ela deveria sentir culpa?

Arrependimento?

Ela deveria sentir raiva?

Mas era impossível responder qualquer uma daquelas perguntas, pois Quiri-Quiri sentia tudo ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo sentia cada vez menos. O espaço para sentir carinho por aquelas que amara diminuía, pois havia Medo. O pesar pela vida que poderia ter vivido diminuía e diminuía, pois havia mais e mais Medo. Não havia mais espaço para culpa de qualquer espécie, pois o Medo era grande, e não nomeava responsáveis. Raiva já não recebia a vez de ser definida, pois o Medo era o primeiro da fila e era uma constante e muda busca por definições.

Duas patas surgiram no horizonte. Duas patas da cor da lua vermelha. Duas patas enormes. Garras do tamanho de marfins, sanguinárias e afiadas. Duas patas que, em um piscar de segundos, encontrariam Quiri-Quiri.

E então só havia o Medo.

Ela respirou fundo cada pedacinho de ar fétido, e deu as costas para a Janela do quarto ao lado.

Abriu suas asas, encarando as grades da janela de seu quarto, a janela que um dia fora uma videira, uma lembrança da crueldade, um esquecimento e agora, a única saída daquele lugar, que já nem era mais casa, já não era mais nada. Bateu suas asas com toda a saudade e saltou para o ar com todo o Medo.

Em suas costas, escutou um rugido capaz de destroçar a alma do mais frio e impassível dos corvos ou a mais sábia das corujas.

Desta vez, quando abandonou o chão, seus olhos estavam abertos. Quiri-Quiri planou naquela corrente de ar assombrosa, fazendo curvas ao redor do quarto, como um ponteiro faz dentro de um relógio. Voou em direção a janela de seu quarto e atravessou a fresta entre as barras de ferro em um único e preciso mergulho. Para longe daquele ninho, daquelas quatro paredes sufocantes, que já nem mais tinham forma, para longe daqueles escombros, para longe de Condor

que não estava, para longe do parapeito defeituoso. Para longe da Janela do quarto ao lado.

Quiri-Quiri desviou das paredes do beco e voou para cima, para um céu tremendamente azul, cada vez mais alto e mais alto. Com Medo, pois não queria olhar para trás.

Mas quanto mais alto, menor era o cheiro do Leão, menor era o cheiro do lodo que escapava da fonte, menor era o cheiro fúnebre, menor era o medo e maior era a certeza de que, desta vez, Quiri-Quiri estava voando.

Ela olhou para baixo e viu tudo.

Viu o rancho das ovelhas, o Relógio da Cidade. Viu senhor Gato, quase na Fronteira, correndo atrás do pobre Rato, viu Coral se enroscando em um arbusto. Viu a Coruja dormindo em um buraco de árvore e o Corvo ciscando um túmulo no Cemitério.

Viu nos escombros do jardim, a Amoreira. Tombada, era verdade, mas com suas raízes teimosas ainda fincadas no chão

Viu o Leão Branco que, daquela altura, parecia um camundongo.

Passou horas e horas planando ao redor da Cidade, rindo-se. Estaria sonhando? Se estivesse, que fosse para sempre, pois acordar seria seu pior pesadelo.

A noite chegou, o Leão-Camundongo foi amedrontar outros cantos da Cidade, e Quiri-Quiri pousou no topo do Relógio, descansando-se da euforia, observando as ruínas do que um dia fora a casa de Condor.

Junto com a noite, aproximou-se a grande ave do lugar em que jazia seu ninho, pousando nos destroços em pânico. Passara horas revirando os restos de sua casa, as asas imensas varrendo o pó, com tremores. Até que finalmente levantou seus olhos e percebeu Quiri-Quiri ao longe, muito longe, no relógio da cidade.

" Não me deixe...Não me deixe"- Condor gritou entre as lágrimas, distante demais para abrir suas grandes asas e alcançar Quiri-Quiri.- "Eu não quero ficar sozinho. Por favor, não me deixe."

A avezinha sentiu seu coração partir, sentiu-se tonta, quase perdeu a direção do vento.

Quis dar voltar atrás e fingir que não sabia voar. Retornar para as negras penas de Condor e vê-lo feliz.

Segurando as lágrimas e os espinhos em seu coração, Quiri-Quiri bateu as asas e zarpou voo, para mais longe do Relógio e mais longe de Condor. Cada vez mais alto, para além da Cidade e de seus arredores.

Não sabia para onde ir, o que procurar ou como fazer seus novos sonhos. Talvez se encontrasse com Senhor Gato, para que as promessas de aventuras se cumprissem. Ou poderia se apresentar à Coruja e pedir seus ensinamentos. Ajudar Coral a caçar alguns ratos.

Ajudar o Senhor Rato a ter coragem. Visitar os lugares dos quais ouvira falar ou buscar todas as lendas de que suspeitava. Poderia retornar as Savanas ou voar até as Florestas. Poderia ter pena de Condor ou encontrar outra Cidade, em um lugar muito distante e desconhecido, onde seria mais um falcão, entre muitos outros.

Mas nada daquilo importava.

Quiri-Quiri estava livre.

E por enquanto, era o bastante.

Meus sinceros agradecimentos aos leitores.

Para dúvidas, sugestões ou comentários:

[michelleilacontato@gmail.com](mailto:michelleilacontato@gmail.com)



# Document Outline

- [michelleilacontato@gmail.com](mailto:michelleilacontato@gmail.com)

# Índice

[michelleilacontato@gmail.com](mailto:michelleilacontato@gmail.com)